



INFÂNCIA E VIOLÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19

Debora Rickli Fiuza¹

Luciana Klanovicz²

Resumo: O artigo analisa a relação entre infância e violência em tempos de pandemia da covid-19 no território brasileiro. Sabe-se que a violência é um fenômeno bastante expressivo e que constitui como uma temática urgência, tanto no campo teórico, quanto no planejamento e na execução de políticas públicas de enfrentamento. Sabe-se, também, que a violência contra crianças acontece, predominantemente, no contexto intrafamiliar. Nesse sentido, considera-se que o período de isolamento social imposto pelo novocoronavirus surge como uma questão a ser analisada nessa temática da violência infantil, considerando que o distanciamento de espaços públicos, como as escolas e os serviços de apoio à infância, pode impor para algumas crianças um lugar de risco e de vulnerabilidade à violência. O presente estudo integra a pesquisa de doutorado na área da infância, gênero e violência infantil, pela linha de pesquisa *processos de desenvolvimento humano nos contextos comunitários*, desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PR). Como recorte de um estudo mais amplo, essa pesquisa se propõe levantar e analisar informações que circulam nas mídias e publicadas em artigos científicos acerca da problemática da violência infantil em tempos de pandemia, observando se o contexto de confinamento produziu o aumento nas estatísticas de agressões.

Palavras-chave: Infância, violência, pandemia do Covid-19.

INTRODUÇÃO

O presente estudo integra a pesquisa de doutorado na área da infância, gênero e violência infantil, desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PARANÁ). Como recorte de um estudo mais amplo, esse estudo se

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário- Universidade Estadual do Centro Oeste- UNICENTRO
debora_rickli@yahoo.com.br

² Doutora em História. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário- Universidade Estadual do Centro Oeste- UNICENTRO
lucianarfk@gmail.com



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



propõe levantar e analisar estudos publicados em artigos científicos acerca da problemática da violência infantil em tempos de pandemia, observando se o contexto de confinamento produziu o aumento nas estatísticas de violência infantil.

Acredita-se que a investigação da relação entre violência infantil e o período de pandemia contribuirá para a construção da tese, que embora esteja em seu percurso inicial, busca analisar as relações estabelecidas entre crianças e adultos nas situações de violência infantil. Para a construção teórica deste estudo, tomo como ponto de partida os estudos da infância e as interlocuções de gênero, com a intenção também em localizar a infância pela perspectiva histórica, por meio de autores e autoras como Phillippe Ariés, Ana Silvia Volpi Scott, Silvia Maria Fávero Arend, Joan Scott, Heleieth Saffioti.

As pesquisas que integram os estudos na área da infância, considerando esta uma fase de especificidade da vida humana, têm apresentado a complexidade teórica deste tema que é também desafiadora no âmbito acadêmico, na medida em que tal investigação toma como ponto de partida a análise da “infância” como um conceito carregado de historicidade e também como um campo de embate político. A infância não é uma evidência, não é o intervalo cronológico natural, como alguma coisa que acontece em um tempo do desenvolvimento neuropsicomotor. A infância é uma invenção de cada época. Nas palavras de Arend e Moura (2018) “conferir a importância à historicidade, ao que é preciso saber sobre as gerações de crianças que se sucederam em nossa história”. A importância da história da infância e a busca em colocar essa etapa da vida em primeiro plano, não somente no presente cenário, mas o resgate da história das crianças e reconhecer isso como um campo ávido de pesquisa tem como objetivo fundamental olhar para a infância e entendê-la, para então, galgar caminhos de transformação. Segundo nos aponta Arend e Moura (ANO) “com o intuito de tornar seu passado visível e seu presente inteligível’.

Tal como aponta SCOTT (2014) “situar as pessoas no tempo” têm sido uma tarefa necessária e fundamental para compreender as distintas sociedades e diferentes modos de relações humanas, nesse sentido, segundo a autora, a idade deve ser considerada como uma variável analítica de investigação e que possibilita ampliar as lentes para as práticas sociais estabelecidas em cada sociedade. Considerando isso, a pesquisa aqui apresentada compromete-se eticamente com a história da infância e a



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



história do tempo presente que repercutem no cuidado às nossas crianças, bem como o reconhecendo e a sensibilidade do tema da violência infantil, buscando, dessa forma, desenvolver uma pesquisa com olhares de esperança e de transformação.

Algumas perguntas são norteadoras para a construção de pesquisas na área da infância, sendo elas: O que entendemos por infância? Há uma infância comum a todas as crianças brasileiras? Todas as crianças são protegidas pelos adultos? Qual a relação entre violência infantil e as relações de gênero? As crianças-meninas são as mais atingidas pela violência? Qual a relação entre violência infantil e o enfrentamento da pandemia no território brasileiro? Diante desses questionamentos, a pergunta de pesquisa analítica investiga a relação entre dois eventos: a violência infantil e o período de isolamento social em decorrência do contexto pandêmico.

Segundo Scott (2014) o conceito de idade possui história e não deve ser analisado apenas pela ótica biológica e/ou pelo indicador cronológico, pelo contrário, “a idade não é um conceito neutro ou estático, é uma construção social e cultural” e que se apresenta carregada de historicidade. Neste estudo, partimos da compreensão da infância como categoria mediada por intersecções sociais, culturais e políticas. Consideramos que a infância é uma invenção de cada época, cabe considerar a obra “história social da criança e da família”, uma referência teórica publicada em 1978 por Phillipe Ariés. No século XVIII, por exemplo, as crianças eram vistas como pequenos adultos, esse era o lugar destinado a elas. Nas obras artísticas e representações sociais, não se via uma criança vestida como criança ou carregando um brinquedo, um objeto que simbolizasse o período infantil. Isso nos aponta que a ideia de infância, bem como o modo que nos relacionamos com a infância, corresponde a determinantes políticos e de transformação.

A localização conceitual de que a infância refere-se a uma construção social é um posicionamento importante e que deve ser pontuado nas pesquisas do tema, visto que a infância de todas as crianças, não se deu de maneira igualitária e, sobretudo, não se deu pela mesma experiência. Portanto, não estamos falando de uma única infância para todas as crianças. A infância sempre foi uma infância, mas nunca a infância. Outro ponto importante a ser considerado é que a construção social da infância remete a um lugar de alteridade que lhes foi atribuído, nesse sentido, cabe a reflexão quanto ao lugar



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



que damos à infância e aos modos de relação e cuidado destes que são considerados o nosso futuro.

A infância que se naturalizou como lugar de cuidado e proteção é problematizada em seus discursos essencialistas, ampliando o debate pela multiplicidade do que significa ser criança e do que significa ser criança pobre em um período pandêmico. Nessa perspectiva, a proposta aqui apresentada busca estabelecer um diálogo entre infância, violência e a vivência de ser criança em período de isolamento social no contexto da pandemia covid-19. Fica evidente que o atravessamento pela pandemia imbricou que muitas crianças prosseguissem as suas infâncias, estas marcadas pela escasses e descuidado. Nisso se dá a contribuição desta reflexão, concordando com as palavras de Meireles (2001, p.242) que a criança não deve ser tratada com “mãos desatentas ou negligentes”, pois “qualquer coisa que toque a infância abala o mundo- desta ou daquela maneira, e muitas vezes irremediavelmente”.

Ariés (1986) aponta que, a separação da infância do mundo dos adultos permitiu criar medida de proteção. No entanto, o autor traz ressalvas sobre esses mecanismos de proteção, afirmando que as mesmas não deram conta dos ideais de perfeição e de universalidade, sendo retratadas por situações reais de crianças que têm os seus direitos violados por diferentes tipos de violência, pela vivência de guerra, calamidades ou doença (ARIÉS, 1986). Nesse sentido, importa destacar as relações abusivas entre adultos sobre as crianças, legitimada por estruturas de superioridade e poder, configurando-se um cenário de violência e desproteção.

A historiadora Mary Del Priori (2010) é uma referência nos estudos da história da infância, incluindo a obra que integra uma coletânea de textos sobre a infância brasileira, uma história marcada pelo desprezo e desproteção. Tal como aponta a autora, ao apresentar a história das crianças no Brasil, entende que “as crianças brasileiras estão em toda a parte. Nas ruas, à saída das escolas, nas praças, nas praias. Sabemos que seu destino é variado. Há aquelas que são amadas e, outras, simplesmente usadas. Seus rostinhos mulatos, brancos, negros e mestiços desfilam na televisão, nos anúncios da mídia, nos rótulos dos mais variados gêneros de consumo”. Ainda, a autora questiona essa ‘quase onipresença infantil’, interrogando-se constantemente sobre este lugar



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



ocupado pela criança brasileira e se foi tomado da mesma maneira ao longo da história. Interroga, ainda, como foi essa passagem do total anonimato do ser criança para o seu reconhecimento como sujeito, sobretudo, por uma ética que considera suas especificidades enquanto humano.

Mais ainda, Del Priori (2010) interpela se, na sociedade brasileira marcada pela expressiva desigualdade social e por transformações de diferentes ordens, as crianças foram acompanhadas todas- ao longo da história- com a mesma consideração. A resposta, obviamente, é não. Não foram igualmente consideradas em suas necessidades. Reitera que a sensibilidade sobre a vida das crianças direcionada ou não pelos adultos, como porta-vozes dos interesses dos especialistas e, principalmente, como alvo principal nos holofotes da mídia, segundo tal estudiosa, se direcionam para apenas uma parcela das crianças que vivem suas infâncias.

Com isso, a autora distancia discursos romantizados sobre a infância, que não avançam no debate e no enfrentamento da violência infantil, por exemplo. Discursos que carregam uma visão maquiada e ideológica sobre as crianças reais brasileiras ou que constroem políticas públicas de enfrentamento à violência infantil pela ótica exclusiva e excludente de -uma concepção de infância-. Para muitas dessas, estão, cotidianamente, reféns de um cenário tortuoso de vulnerabilidade, risco, infelicidade, medo. Lamentavelmente, essa é a infância de muitas crianças brasileiras. É para essas infâncias interrompidas que o olhar se volta com ética, respeito e intenção.

A chegada do novo coronavírus no Brasil, doença classificada como covid-19, ficou conhecida pela alta transmissibilidade, por provocar graves problemas respiratórios e pela expressiva taxa de mortalidade. No entanto, a doença não atingiu apenas o corpo físico da população, mas também produziu uma instabilidade emocional, intensificando-se nos grupos considerados de risco à doença. O enfrentamento do covid-19 exigiu da população brasileira medidas imediatas de isolamento social, com o objetivo de evitar a transmissão do vírus e proteger os envolvidos do contágio e adoecimento. Contudo, a privação social produz também impactos para a subjetividade e risco à violência, sobretudo, das crianças que foram privadas de seus espaços habituais de convivência e proteção.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A pandemia ampliou as lentes das profundas desigualdades em nosso país, que embora tão evidentes, o reconhecimento social dessa conjuntura desigual não parece tão óbvio para uma parte significativa da sociedade, e isso teve uma implicação importante para a infância. A necessidade de isolamento social das crianças tomou diferentes rumos de proteção, não se trata de uma experiência do todo. Para as famílias privilegiadas socialmente, a possibilidade de manter-se as crianças em suas residências garantiu a proteção e segurança à saúde que, embora com todos os impactos emocionais que o distanciamento social implicou por tal medida, para essas crianças a infância foi garantida. Para as crianças das camadas populares, a infância tomou rumos tortuosos e de maior insegurança, sobretudo, a situações de violência intrafamiliar.

Além de tantas mudanças que surgiram com a pandemia, a principal atitude tomada pelos governantes foi a suspensão das aulas e atividades recreativas, impedindo suas relações interpessoais e limitando ao convívio apenas do seu círculo familiar mais próximo, o que pode acarretar no aumento de estresse e ansiedade em crianças e adolescentes. Ocorre que o ambiente intrafamiliar nem sempre é sinônimo de proteção e cuidado, conforme dados fornecidos pelo Ministério dos Direitos Humanos, em documento publicado em 2018 concluiu que o cenário dos diferentes tipos de violência contra crianças e adolescentes brasileiras acontecem no ambiente familiar.

A violência é a expressão mais intensa do uso do poder de uma pessoa sobre outra, pelo uso da força física ou psicológica, inclusive, pela manipulação de ações pelas quais a vítima realiza contra o seu desejo ou, ainda, realiza desconhecendo que o ato se configura uma violência. Muitas crianças vivenciam o abuso de poder na relação com o adulto que convivem, são expostas a situações de maus tratos, abuso sexual, trabalho infantil, prostituição, impactando a trajetória de vida pessoal, emocional, social e comunitária. Tal violência é também interpelada pelas relações de gênero. Se compreender a violência sexual contra crianças como um fenômeno que se dá no interior das relações de poder entre o masculino e o feminino, com o fim de satisfazer o desejo deste que detém maior poder, é possível analisar esse tipo de violência como uma categoria específica que se produz pelas relações de gênero (ARAÚJO, 2002; SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Paradoxalmente, o ambiente familiar que deveria configurar-se como um lugar de proteção é comumente o espaço onde a violência infantil se perpetua. A constatação de que a violência intrafamiliar é recorrente entre os casos de violência infantil é uma realidade presente antes mesmo do período de pandemia. A interrogação sobre as diferentes formas de violência contra as crianças, sendo um fenômeno que atravessa relações de poder entre homem/mulher e adultos/crianças, denuncia uma questão norteadora para a análise, pois, se reconhece que a infância é marcada por uma cultura adultocêntrica que impõe à criança um lugar de submissão e de vulnerabilidade à violência, sobretudo, quando se refere à menina criança.

O tema da violência infantil é caro para a família, aos profissionais da rede de proteção que se deparam com as situações e, mais ainda, para as crianças inseridas nos contextos da violência. A temática também impõe um vazio, muitas vezes, tratada pelo silêncio e pelo segredo, inviabilizando o real enfrentamento e/ou superação. Muitos profissionais ficam paralisados diante da tensão suscitada pela violência, buscando diferentes explicações como forma de aliviar a dor e o desconforto, bem como uma tentativa de resolução imediata.

O confinamento decorrente da pandemia impôs uma nova rotina às famílias, o que também potencializou o estresse, considerando outros agravantes como o desemprego, as dificuldades de acesso aos direitos básicos, incertezas e insegurança diante da doença, medo de adoecer, bem como a falta de mobilidade emocional para gerenciar sentimentos agudos de desespero. Com isso, a violência intrafamiliar e a violência infantil tornaram-se uma expressão mais sensível e de maior impacto na sociedade brasileira. Considerando o contexto de potencial risco à violência infantil que o período de pandemia de COVID-19 colocou às crianças brasileiras, a pesquisa tomará como ponto de partida o desenvolvimento teórico sobre a intersecção dos temas violência infantil e pandemia, considerando o levantamento de bibliografia, artigos acadêmicos produzidos entre 2020 e 2021. Também a análise de informações que circularam nas mídias brasileiras acerca da problemática da violência infantil em tempos de pandemia, observando se o contexto de confinamento produziu o aumento nas estatísticas de agressões e de violência às crianças, bem como as intersecções de gênero na produção de violência contra crianças.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



No que se refere a violência infantil, a escola é considerada a principal rede de apoio e o canal de pedido de socorro das crianças inseridas em contextos violentos, sendo que durante a pandemia de COVID-19 estiveram ausentes desses espaços. O distanciamento de crianças de outros adultos, para além de seus familiares, também as distanciaram de uma rede protetiva e de cuidado. Isso exige um cuidado mais atento sobre a complexidade da violência infantil, sobretudo, em um período delicado imposto pela pandemia, de maneira que as crianças brasileiras sejam assistidas e protegidas não somente do novo coronavírus, mas também do vírus da violência e dos maus-tratos que deixa marcas profundas, muitas vezes, irreparáveis.

Uma pesquisa realizada por Maria Luiza Silva, Lizandro Brito, Danyele Gouveia e Matheus Oliveira, publicada em 2020 pela Universidade Federal do Paraná desenvolveu uma revisão sistemática de literatura intitulada “As implicações da Covid-19 sobre o acréscimo na incidência dos casos de violência infantil”, apresentou como resultados o acréscimo da violência infantil neste contexto, influenciado pela vulnerabilidade socioeconômica, mudança na dinâmica familiar e de acesso aos serviços públicos e privados. Consideramos importante atentar-se para as medidas de cuidado das crianças nesse contexto de pandemia, e em outros períodos, considerando que estamos nos referindo a todas as crianças e não apenas àquelas de nosso convívio, compreendendo que para os atravessamentos de classe, gênero e raça, o lugar de proteção encontra-se bastante vulnerabilizado nesse tempo. Outro ponto é considerar os modos de construir políticas públicas para as crianças, considerando como o governo tem cuidado das crianças no enfrentamento da pandemia do covid-19.

Embora o presente estudo encontre-se em sua fase preliminar e nesse momento restrito a uma investigação teórica, acredita-se o debate sobre a violência infantil nesse contexto pandêmico, incluindo as discussões relacionadas aos estudos de gênero já realizados nesse percurso, bem como as contribuições futuras trazidas por esta pesquisa, será de extrema relevância acadêmica e para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e combate da violência infantil no cenário territorial desta pesquisa, expandindo-se para todas as crianças brasileiras. Chegando ao fim, a pesquisa que se desenha mais amplamente refere-se ao desenvolvimento teórico dos estudos de gênero, infância e violência, e pela escuta sensível de narrativas e dados estatísticos que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



merecem todo cuidado, comprometimento e ética, dirigidos pelo olhar sob as lentes de esperança e, assim concordando com as palavras ditas por Mary Del Priori, que a sociedade brasileira possa garantir à população infantil “um lugar definitivo de sol”

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Beatriz. **Análise bioecológica de um serviço de atendimento às crianças e adolescentes vítimas de violência, abuso e exploração sexual**. Rio Grande: Mestrado, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2010.

AREND, Silvia Maria; MOURA, Esmeralda Blanco; SOSENSKI, Susana. **Infâncias e juventudes no século XX: histórias latino-americanas**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2018.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BORGES, Alci. **Direitos humanos e o silêncio da escola diante da violência sexual contra crianças e adolescentes**. Teresina: Mestrado, Universidade Federal do Piauí, 2011.

BRINO, Rachel. **Professores como agentes de prevenção do abuso sexual infantil: avaliação de um programa de capacitação**. São Carlos: Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, 2006.

CUNHA, Roseana. **Violência sexual infanto-juvenil: horror, indignação e enfrentamento**. João Pessoa: Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 2007.

FELIPE, Jane. **Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura**. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 217-226.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Ministério dos Direitos Humanos. **Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente** / Passos T. C. A.– Documento eletrônico – Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Disponível em: < <http://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/conada/educacao-sem-violencia-um-direito>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2018.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



SAGAZ, Valéria. **Crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual e o processo de resiliência:** perspectiva de compreensão a partir da abordagem ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner. Ponta Grossa: Mestrado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Petrópolis: Vozes, 1976.

SCOTT. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1999.

SPAZIANI, Raquel Baptista. **Violência sexual contra crianças: a inserção da perspectiva de gênero em pesquisas de pós-graduação da área da educação (1987-2015).** Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, 2017.